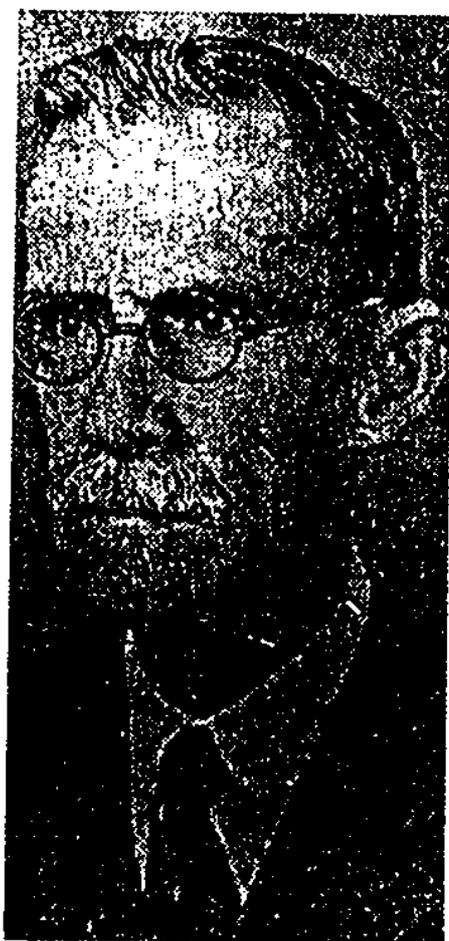


## MÁRIO DE ANDRADE E O VELHO PIO

*Antonio Candido*



A ligação de Mário de Andrade com Araraquara foi sempre grande, devido a raízes familiares antigas. Seu avô materno, o Dr. Joaquim de Almeida Leite Moraes, advogou na cidade e participou da sua vida política sob o chefe liberal e tio afim, Comendador Joaquim Lourenço Corrêa, com cujo filho Cândido Lourenço casou a sua filha mais velha Isabel. Uma filha do casal, Zulmira, casou por sua vez com o filho único do segundo casamento do já velho Comendador, Pío Lourenço Corrêa. Este não apenas era afilhado do Dr. Leite Moraes, mas viveu na sua casa em São Paulo como estudante, e nela se tornou amigo e admirador de outro genro dele, Carlos Augusto de Andrade, casado com Dona Maria Luísa. São estes os pais de Mário de Andrade.

Pío Lourenço, que é de 1875, tinha 18 anos quando Mário nasceu em 1893, e dadas as relações de família, reforçadas pelo casamento com Dona Zulmira em 1897, conviveu com ele a vida toda, vendo-o nascer, crescer e tornar-se um dos maiores escritores do Brasil, um dos componentes da suprema meia dúzia, se tanto, que sobrevoa de muito alto as nossas letras. Quase naturalmente, passou para ele a amizade que sempre teve pelo pai, e como ambos eram apaixonados pelos estudos, a literatura, a ciência, formaram vínculos duradouros e firmes.

Tendo freqüentado Araraquara a vida toda, Mário manteve com Pío Lourenço uma relação afetuosa por meio de cartas, troca de livros, visitas. Na chácara onde o seu amigo mais velho construiu uma espécie de mundo fechado e particular, regido por normas próprias e marcado por uma extraordinária originalidade, passou

temporadas, fins de semana, dias sem conta. E lá, como se sabe, escreveu *Macunaíma*, que foi imaginado em parte na Fazenda Santa Isabel (de seu primo Cândido de Moraes Rocha, irmão de Dona Zulmira), onde o ia contando aos pedaços a uns meninos pendurados no *suspense* dos episódios.

A primeira versão foi redigida na chácara de Pio Lourenço, em poucos dias de tufão inspirado. Mário escrevia sentado na rede, numa postura que podemos imaginar lembrando a conhecida gravura de Lasar Segall; ou numa mesa de pedra, em baixo de uma árvore do pátio; ou, de noite, quando Dona Zulmira ralhava porque estava trabalhando demais, escondido no banheiro privativo do quarto de hóspedes, numa mesinha pequena posta sob um espelho oval.

O velho Pio não aprovava de todo os escritos do amigo mais moço, porque tomavam muita liberdade com a língua portuguesa, que ele estudava e defendia com o maior empenho, escrevendo notas lingüísticas, ou mais propriamente gramaticais, sob o pseudônimo de "Motta Coqueiro", que usou também nas três primeiras edições deste livro rico, original e erudito que é a *Monografia da palavra Araraquara*<sup>3</sup>. Não aprovava, mas admirava o seu talento, a sua imensa cultura, a sua curiosidade insaciável; e conversavam muito sobre pontos de gramática. Numa coisa se entendiam, e era na convicção de que a língua era algo vivo, orgânico, que passa por cima das regras e deve mudar com a mudança dos tempos. "Não sou gramático, sou lingüista", bradava o velho Pio, abespinhado por baixo dos seus bigodes espetados, quando alguém o tomava por um daqueles ortopedistas da linguagem que povoavam as colunas dos jornais. E sacudia do alto da sua esplêndida biblioteca o Meyer-Lübke, o Meillet, o Vendryès, o Ogden-Richards, o Saussure.

Por isso, trocavam muita impressão e muita experiência, ele e Mário. Ele, querendo que Mário desse um corte mais convencional ao seu estilo. Mário, achando graça e resistindo, mas recorrendo a ele com freqüência para ensinamentos e opiniões, sobretudo quando se tratava de fundamentar as deformações voluntárias e calculadas a que submetia a língua oficial, para tirar dela a linguagem moderna com que sonhou a vida inteira.

Como todos os que conviveram com o velho Pio, ele o achava um personagem fabuloso, uma obra-prima em si mesmo. E ia a Araraquara para vê-lo, para estar com ele, – e também para descansar, comer peito de frango e um inigualável doce de pêssego feito sob as vistas de Dona Zulmira. Nessas estadias, recolhia o máximo que podia de casos, fatos da vida rústica, ocorrências do passado, modismos regionais, para aproveitar nas suas fichas; nos seus estudos e na sua criação. E quando organizou em 1937 o memorável Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, incluiu entre os participantes o primo-afim, que lá esteve e atuou.

3. N. da E. CORRÊA, Pio Lourenço. *Monografia da palavra Araraquara. (Um pouco de história e um pouco de tupi)*. 4. ed. Revista e refundida pelo autor. São Paulo, 1952. 76p.

Evidentemente ele se absorvia na contemplação daquela personalidade fora-de-série que foi o velho Pio Lourenço. Tanto assim, que resolveu transformá-lo em personagem de um conto, dos melhores que escreveu, "O poço", publicado postumamente no volume *Contos novos*. Baseado num fato verídico contado pelo amigo, elaborou sobre ele a história fabulosa do velho Joaquim Prestes e sua caneta de ouro. E com isto, situou no universo perene das criações literárias.

Há muita coisa interessante, portanto, sobre as relações de Mário de Andrade com Araraquara, para onde pensou inclusive em mudar-se para viver tranqüilo, quando, num momento de grande abatimento físico e moral, lá pelos anos de 1940, ficou enjoado das grandes cidades. Não mudou e morreu alguns anos depois. Mas enquanto viveu, viveu lá bastante, de corpo e de pensamento. E alguns dos horizontes baixos e extensos da região ficaram para sempre em certas paisagens dos seus poemas. "Tarde, repouso do meu dia".